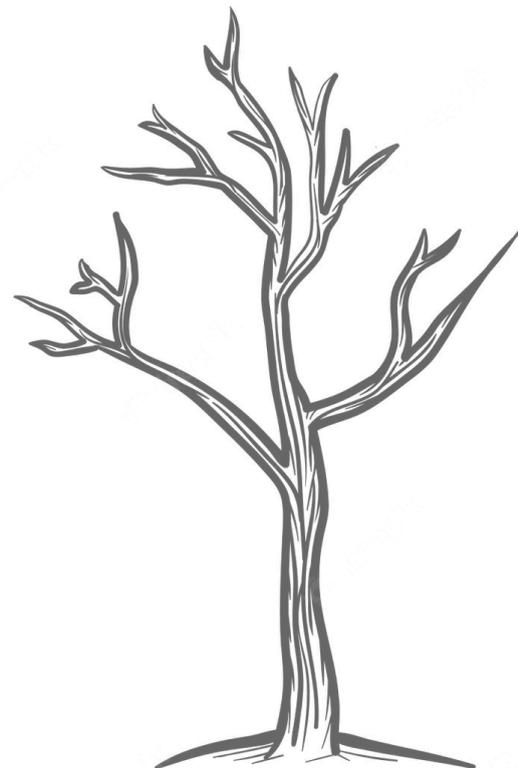


MORTO-VIVO

MÁRIO ALENCAR

1920



MORTO-VIVO

[ANUÁRIO DO BRASIL, RIO DE JANEIRO, 1920]

Tudo pode acontecer, até um morto-vivo. O ponto está em que os extremos opostos se harmonizem juntos em aparência do verossímil, que é toda a nossa verdade. Tal o caso de Gonçalo.

Foi aí por 1840, quando irrompeu de novo e alastrou na cidade a febre amarela. Era rapaz de dezoito anos, filho de operários de lavoura, e viera da província para aprender ofício na corte, onde tinha uma tia. Aqui aprendeu as primeiras letras na aula do capelão de Santo Antônio dos Pobres; e como na casa da tia só ele sabia ler, e era o leitor do jornal e dos romances que se vendiam em cordel nos Arcos do Paço, Gonçalo tinha o prestígio de gente grande. Era além disso morigerado e caseiro. De casa para a oficina de carpinteiro, da oficina para casa, e, afora o passeio pelo bairro, depois do jantar, o mais do tempo ficava em família, ao serão, lendo para os parentes e as vizinhas que iam ouvir as histórias. Mas já se vê que não seria somente o gosto da leitura e da casa que o fizesse tão regrado. Entre as vizinhas havia moças, e Gonçalo lia no livro, e nos olhos de uma delas, a qual lia nos olhos dele. Era um rapaz apessoado e bonito.

Foi quando apareceu a epidemia, tão forte que apavorou a população. Não havia talvez rua que não tivesse casa atingida; e os enterramentos amiudavam-se. Inquietou-se o governo; e as diligências que ele ordenou agravavam o espanto e o medo espalhados. Poucos eram os médicos para tantos doentes; e sem a assistência deles morriam em maior número os pobres. A ideia de contágio, uma vez aventada, correu a cidade, e a credence popular ajuntou-lhe como causa a ação do demônio. Já não era só medo físico da moléstia: surgia o terror dos maus espíritos soltos. Às igrejas mais do que às boticas acorriam as beatas por água benta e aparelhos e orações de exorcismo. Mas nada bastava: a morte ia cochichando de porta em porta dos bairros pobres, e pousava e saltava, ora aqui ora ali.

Era quase ininterrupto o movimento de féretros; e o medo e o susto permanentes acordavam o egoísmo. Pois que era difícil, se não impossível, atalhar a marcha da peste; a defesa individual e instintiva redobrava, amortecendo a compaixão, a solidariedade moral e até mesmo o sentimento de amizade e parentesco. Cada qual pensava em salvar-se a si próprio, e como a simples presença de um pestoso era ameaça do perigo, abandonavam-no logo ao primeiro sinal da moléstia os parentes, os moradores da casa e os vizinhos. Fugiam como da aproximação do próprio diabo. Os mais animosos, os confiados nos seus recursos de benzeduras, espreitavam apenas o desfecho, para pedirem

a retirada do corpo; e não havendo tempo nem calma para a verificação da morte, é de presumir que muito corpo se enterrou antes de realmente morto.

Vão lá saber o que passaram esses enterrados vivos! Acordavam sentindo-se fechados num caixão, tinham a consciência de estar vivos e de morrerem, gritando à toa e debatendo-se... Horrível! pior que a execução de um condenado. Não importa que isso durasse minutos: os minutos, na agonia, medem-se pela sensação, e podem ser séculos. Pois muita gente passou assim pela morte. Os abastados, os que tinham parentes animosos para velar-lhe o cadáver e o conforto de um esquife particular, eram, no caso de morte aparente que se alongasse, os que mais sofriam de voltarem à vida. O mesmo caixão levava-lhes ar bastante para consentir a ressurreição momentânea: e do que está fora, em muito caso, ficou vestígio no aspecto de cadáveres exumados, cujos membros e fisionomias tinham as contorções do esforço supremo e medonho.

Foi o que uma vez salvou um pobre diabo china. Alta noite um tardio transeunte, de volta à casa, nas bandas do Caju, cortava caminho, como era seu costume, pelos terrenos do cemitério, nesse tempo ainda não cercado pelos fundos. Homem desabusado de temores, tinha robustez para enfrentar perigos naturais; que dos sobrenaturais não cogitava. Assim não deteve o passo, nem arrepiou a marcha, quando da espessa escuridão lhe chegou uma voz dorida, que gemia: Estou vivo! Estou vivo. Surpreendeu-se, espantou-se, mas conjecturou que fosse voz de enterrado.

Devia estar próxima a vala dos pobres: e orientando-se pela voz, guiou para o lugar. A voz não cessava. Era como um apelo de ave perdida — Estou vivo. Estou vivo! Na verdade, subia de dentro da vala, e parecia não ter inteligência ou articulação fora daquelas sílabas: Estou vivo! estou vivo! O transeunte projetou a luz da lanterna e viu um vulto de homem que se esforçava por galgar até a borda, mas esta ficava-lhe muito alta. Interrogado, não deu explicação, nem disse mais que o estou vivo, estou vivo, que era já como um estribilho de pesadelo. Ao fundo da vala viam-se os cadáveres, companheiros de camada do china. Subia o cheiro da morte nauseabundo e quente, como de um forno. Mas foi menos o fétido, menos o espetáculo o que entibiu a decisão do transeunte: a sua coragem cedeu à vista do mesmo vivo, que surgia e apelava para a vida: Estou vivo! estou vivo. Bastava estender-lhe o braço para ajudá-lo a atingir a borda. Para esse movimento é que lhe faltou o ânimo. Retrocedeu, e, rápido, quase a correr, olhando de quando em quando para trás, tomado de um vago pavor, foi dar o alarma na casa da administração. Acudiram os coveiros e safaram o china, que ainda gemeu por muito tempo o seu espanto: Estou vivo! estou vivo! Não lhe arrancaram outras vozes; mas o caso em si mesmo estava explicado. Por ter sido tarde, e por terem faltado corpos (creio que deviam perfazer uma dúzia para a

camada de terra), havia sido adiada para a manhã a cobertura dos cadáveres na vala.

Safara-se o china, mas não sei se não era preferível o imediato enterramento àquele despertar para a consciência de um horror passado.

O caso de Gonçalo foi mais ou menos como o desse china, menos tétrico talvez nas circunstâncias, pior nas consequências que perduraram.

Adoeceu um dia de moléstia, que não se conheceu nem se averiguou depois, mas no momento supuseram ser a peste. Foi a impressão de casa, e confirmou-a um médico apressado, que apenas chegou para atestar o óbito. A brevidade do mal agravou o pesar da morte do moço, a qual em qualquer caso seria sentida de todos na casa e na vizinhança. E a melhor prova de quanto estimavam o Gonçalo e lhes doía a sua morte não foi o choro sincero dos parentes e da namorada: foi o esquecimento de si mesmos em conservarem o defunto na casa cerca de dez horas.

Afrontavam com abnegação o perigo do contágio; mas uma voz prudente ponderou a inutilidade da solicitude póstuma, e à boca da noite conseguiu-se levar o cadáver para o cemitério. Já não era hora de enterro; nem havia coveiros para tanto defunto. No depósito ficavam muitos aguardando a sua vez: ali deixaram Gonçalo. Um amigo que o acompanhara, animoso e desprendido por afeição e mocidade, quis rever-lhe as feições; e era tão viva a expressão da fisionomia, que não consentiu fechassem de novo o caixão. Também não sei se não era costume deixarem-nos abertos no depósito. Foi o que valeu a Gonçalo.

Que lhe teria acontecido, com aquelas flores que lhe cobriam o corpo, colhidas e arrumadas pelas mãos da namorada, em tanta cópia que só lhe ficara visível o rosto; e além do perfume das flores, o cheiro de essências fortes para disfarçarem a decomposição? Que forças tivera ele para erguer o tampo, fechado a chave, quando ainda meio tonto abriu as pálpebras, voltando a si do letargo, ou do que quer que foi? Não contarei o seu transe de alguns minutos, enquanto retomava o conhecimento de si mesmo e das circunstâncias estranhas em que se achou. Ninguém que tivesse sofrido a situação fora capaz de reproduzi-la exata ou aproximadamente, pouco depois.

Gonçalo, mal percebeu onde estava, sem entender coisa nenhuma anterior ao fato, tratou de fugir do assombro e do lugar. Era noite alta.

Algumas velas de cera, que ardiam enfileiradas, e uma pequena lâmpada suspensa davam luz para ver o sítio fúnebre. E era como um espetáculo de sonho. Deu-lhe o medo força para erguer-se, saltar ao chão, desembaraçando-se das flores que se espalharam subitamente à roda, e correr até a porta. Estava fechada por fora, mas Gonçalo, num pulo mais instintivo que refletido, alcançou o fecho interior e, abaixando-o, erguendo o de baixo, agitou os dois batentes,

uma, duas, três vezes, até vencer a resistência da lingueta da fechadura, e arremeteu para o ar livre e escuro, ainda a correr fugindo.

Pouco adiante estacou desorientado. Via apenas a faixa pardacenta do caminho, mas este mesmo confundia-se em manchas que lhe turvavam o olhar. Circulando os olhos para resolver-se, reparou no enxame de fogos-fátuos: uma multidão infinita de luzes, que, ao invés de clarearem, tornavam ainda mais negra a terra e o espaço, como nas noites estreladas. Cuidou a princípio que fossem pirilampos, como os que ele vira no campo em noites de verão. Reconheceu, porém, que não eram, pois não esvoaçavam acima e abaixo; nem apagavam e reacendiam os lumes: estes alçavam-se e desvaneciam-se, e notou que vinham do chão, que saíam das sepulturas, eram como bolhas de fogo que se iam despreendendo. E eram tantos e de todos os lados, que o seu movimento incessante lhes foi dando formas, configurando-as, animando-as, com expressão e acenos e cícios. De todos os lados para onde olhasse Gonçalo, surgiam, assomavam, gesticulavam e murmuravam os vultos de lume sem luz. Gonçalo teve então a visão das almas. Eram as almas dos mortos, que pairavam sobre os corpos, velando-os, e conversando no silêncio da noite. Ouvia-lhes as vozes sem discernir-lhes o sentido. Tinha os olhos tontos de tanta imagem: e cerrou-os para não ver. Temia caminhar, como se elas ocupassem a passagem, e ficou trêmulo, junto ao tronco de uma árvore, rezando, a ouvir apavorado o cício das vozes das almas soltas.

Quando muito tempo depois reabriu os olhos, era madrugada; e ele despertou realmente para a sensação da vida. Ficava perto o portão principal do cemitério. Gonçalo espreitava alguém que lhe acudisse; ouviu ruído de carrocinha de padeiro; esperou que se acercasse e gritou chamando. O padeiro que ia parar, sofrendo o carro, notou de onde vinha o apelo e, mal olhou o vulto de Gonçalo, teve um sobressalto, deu uma exclamação de susto, e fustigou o animal a toda brida. Gonçalo foi então beirando o muro do cemitério até o ponto em que pôde galgá-lo e saltou à rua. Daí até a casa da tia foi uma corrida, apenas disfarçada quando ele avistava transeuntes.

D. Eufêmia acudiu ao bater ansiado da rótula, e deparando com Gonçalo não fez senão esfregar os olhos incrédulos, esgoelar “Meu Deus, Gonçalo!”, e rolar ao chão com um ataque. O assombro das outras pessoas da casa só foi menos forte porque lhes repartia a atenção o cuidado com a senhora desfalecida. Isso permitiu que Gonçalo falasse e agisse, provando que não estava defunto. Ouviram-lhe a narrativa; e à tia, que voltava a si do desmaio, já não foi difícil entender a explicação do ocorrido.

O caso, porém, não perdeu a sua cor de milagre, e atribuíram-no à obra da santa padroeira, que tinha o altar na casa. Espalhou-se a notícia e a fé no milagre da santa.

O próprio Gonçalo chegou a acreditar na ação sobrenatural; mas a vaidade que sentia a princípio de se ver observado e apontado mudou-se em sensação molesta.

Os olhos que o olhavam pareciam apalparem-lhe as formas, verrumar-lhe as carnes, investigar-lhe os movimentos: e o exame pertinaz trazia um ar de permanente espanto e dúvida. Não acabavam nunca de admirá-lo; se aparecia pessoa nova, era logo informada do milagre, e a observação recrescia entre comentários sussurrados.

Na oficina o fato causou alvoroço no primeiro dia: instavam em que ele narrasse as peripécias; mas, passada a curiosidade ativa, miravam-no os companheiros silenciosamente e à parte, numa atitude de surpresa e respeito, em que ele por fim sentia desconfiança. A sua presença entibiava a expansão dos grupos; o mesmo patrão recebia-o e falava-lhe um pouco ressabiado, observando-o de través.

Gonçalo aborrecia-se no trabalho: tinha a impressão de ser o alvo de todos os olhares a cada movimento, e, entretanto, de estar sozinho. Alguma palavra que ele dissesse ficava no ar, sem resposta, ou apenas respondida por uma curta frase evasiva. Não atinava, todavia, a razão da mudança, duvidando se havia incorrido em alguma falta, ou se era da sua própria maneira suspicaz. E perdia-se em vão na análise de si mesmo.

Pois se até a sua namorada já o estranhava! Não lhe havia dito em palavra, mas os silêncios dela não significariam outra coisa. Dantes ela era expansiva, esperava-o risonha na sua rótula à hora em que ele volvia da oficina, e havia sempre o que se dizerem, e tudo era pretexto para conversas vivazes: agora, a conversa esmorecia nas primeiras palavras, com reticências de silêncio, em que um e outro se retraíam conjecturando vagamente. Sem suspeitar de que ela quisesse bem a outro, começou a supor-se, entretanto menos querido; e atribuía a si mesmo a causa da mudança, e em presença dela enleava-se nas suas cismas, que lhe davam um aspecto de abstração confusa. Ela notava-lhe a melancolia e a distração, queria interrogá-lo, mas não articulava a pergunta; fitava os olhos, a furto, e os movimentos esquivos que ele surpreendeu deram-lhe o acanhamento de olhá-la nos olhos. Encurtaram-se as paradas à rótula, e espaçaram-se. Embora sofresse de não vê-la à sua espera, Gonçalo sentia desafio em não sofrer aqueles instantes de embaraço.

O mesmo serão de casa, em que ele costumava ler para a família, e para a namorada, pareciam todos havê-lo esquecido, depois da interrupção causada

pela doença e morte dele. Também a preocupação e o medo da peste haviam entibiado e dispersado a curiosidade do auditório. O interesse de toda aquela gente convergia para o mal comum e o apavorante espetáculo cotidiano. Reuniam-se os vizinhos menos para distrair-se que para comentar a tristeza e o perigo. Chegava sempre a notícia de morte de um conhecido; ou ia passando um féretro fora de horas, ou era um carro de médico a toda pressa: e não falhava sinal ou circunstância de alvoroço sinistro. Depois fora o próprio acidente de Gonçalo, a sua ressurreição milagrosa, o ataque da tia Eufêmia, o fervor da fé no milagre, os alongados conciliábulos em torno do caso estranho.

Quando já ia esmorecendo a epidemia e voltava o antigo teor de vida, a tranquilidade pareceu monotonia àquela gente afeita aos abalos recentes. Todos requeriam comoção, e lembraram-se das novelas de Gonçalo.

Gonçalo recomeçou a leitura. Desde as primeiras palavras falhou-lhe à voz o timbre natural; e a dicção era menos vivaz; sentia esforço. É que na verdade a atenção dele se dividia entre o cuidado do descostume e o pensamento da namorada ali presente. Em outro tempo esse pensamento aguçava-lhe a expressão da voz, movimentava-lhe o olhar, e a leitura tinha o calor ativo de uma conversa que ele traduzia em vida. Agora, porém murmurava as palavras com lentidão e abstrato, e os olhos rebatidos à página tinham o aspecto sonolento de pálpebras entrefechadas. Ajudava essa impressão a luz do candeeiro projetada de cima, sobre a face dele. Com pouco aquela gente que fazia auditório atendia menos à leitura que à pessoa do leitor. E à imaginação de todos surgiu outra cena recente: era a mesma sala, quase que a mesma hora, a mesma luz mortiça, e a mesma figura central com as pálpebras descidas e aquela palidez. Gonçalo morto jazia no canapé. A imagem, uma vez surgida, ficou a trabalhar aqueles espíritos singelos e crédulos; e até o movimento de Gonçalo e a sua voz sumida predispunham à evocação, à estranheza e ao desassossego. Entreolhavam-se uns e outros; e sem muita palavra, com pequenos pretextos, se foram esgueirando e saindo. À porta da rua as de maior credence e prudência persignaram-se.

E não ficou ali o sussurro do morto-vivo. A hipótese, que aventada podia desvanecer-se ante a realidade oposta, correu de boca em boca, e fora da presença de Gonçalo passou a ser um caso circunstanciado, documentado com uma série crescente de provas que a imaginação em pura fé multiplicava.

Para encurtar o conto, o caso do morto-vivo tornou-se em pouco tempo mais impressionante que o medo da peste. Gonçalo, evitado por todos, não compreendia nada senão o seu isolamento. Não havia como explicá-lo, nem a sua mesma turvação mental consentia em falar sobre o assunto e esclarecê-lo. Entre ele e os outros era recíproco o aborrecimento da presença.

O instinto, mais do que a reflexão, deu-lhe o expediente de voltar para a província. Apenas o declarou, foi como se os outros o tivessem sugerido e aconselhado. Acudiu-lhe a tia com os recursos e Gonçalo na manhã seguinte partia.

Valeu uma ressurreição o desafogo daquele mal-estar de deserto moral. Não lhe doía particularmente a ingratidão e o abandono da namorada, porque não fazia contraste com o sentimento de todos: já Gonçalo trazia embotada a sensibilidade. Na cidade provinciana respirou a confiança do aconchego doméstico e recomeçou a vida. O mesmo instinto que lhe inspirara a ideia de voltar preservava-o de aludir aos agravos sofridos na corte. O fato capital do seu escape da morte fora conhecido e admirado ao tempo que chegara a notícia: mas não havia o efeito das circunstâncias para impressionar no momento. Daí o seu esquecimento. Foi o próprio Gonçalo que tempos depois fez a primeira referência em conversa com um amigo. A lembrança veio trazida pelo assunto, que era de morte. Contava o amigo casos de temer, e tremia-lhe a palavra. Gonçalo narrou então o seu; o conforto de amizade abria-lhe a expansão, tanto tempo contida; ou porventura foi o gosto momentâneo de impressionar o interlocutor e dar relevo à conversa com a experiência real da pessoa. Em verdade o efeito foi grande, e maior do que ele esperava, pois o amigo, que o estivera escutando, já não lhe ouvia as últimas palavras, todo atento no exame particular daquela figura, familiar até ali, mas agora estranha, tocada de um ar vaporoso e distante. Despediu-se mais depressa do que convinha ao disfarce do seu espanto: e no dia seguinte não acudiu ao encontro aprazado e cotidiano. Esquivava-se e não pôde sobre si que não fosse comunicando a voz interior da suspeita funérea.

A cidade era pequena, e a voz murmurada correu-a toda e rápida. Gonçalo sentiu de novo o deserto, em que o único refúgio era a sua própria casa; mas aí mesmo chegava a silenciosa expressão de esquiva dos habitados que já não vinham ou dos vizinhos que se distanciavam. Compreendeu que incutia medo: e assustava-se de causá-lo. Lázaro moral, judeu errante, mas sem o consolo da caridade que vence a repugnância física, ou da curiosidade de infringir o preceito.

Era um condenado sem crime nem sentença e a uma pena sem apelação nem remédio. Trabalhava-lhe o espírito isolado no excogitar a sua condição: que tinha ele feito? que havia nele, menos ou mais que nos outros? E estudava-se, esquadrihava o passado e o presente. Toda a mudança procedia da sua morte aparente. Teria realmente morrido? Mas os mortos... Quis sorrir, dominando o que parecia credulidade infantil de ignorantes. Era possível que supusessem, que acreditassem? Ante a sua figura, animada de movimento e de palavra? Estaria

sonhando? Os espíritos... Contavam que os espíritos voltavam à terra; mas eram incorpóreos, invisíveis.

Apalpava-se, mirava-se, movia-se, fazia ressoar os passos, para a comprovação de que ele era em verdade um corpo. Um pequeno espelho deu-lhe a imagem do rosto, e ele então recuou ante o aspecto e a expressão das feições que não reconhecia. Aquele olhar, aquelas órbitas fundas, aquele nariz afilado e as faces cavadas: em tudo não viu senão a caveira, ressaltada sob a chama das pupilas. Santo Deus! Seria possível? Entre ele próprio, ele só, e os outros todos, quem estaria em erro? Só por maldade; mas nada havia feito para sofrer a maldade teimosa de todos, até dos seus amigos e parentes. Os outros é que o viam e ouviam, os outros é que podiam julgar se ele era um morto ou vivo. Apalpava-se, movia-se, pisava com impressão, escutando o som do piso. O espírito girava-lhe num círculo, em que um hemisfério era realidade e o outro a alucinação. Não cessava o giro; e precipitava-se até o torvelinho. A princípio deram-lhe tréguas algumas horas de sono; mas o mesmo sono foi a continuação da obcecação. O cérebro, aceso no meio da treva, interrogava, ao passo que as mãos automaticamente percorriam o corpo, apalpando, auscultando os tendões, esmaecidos sob a pele flácida.

Ocorreu-lhe uma prova que seria decisiva: se ele estava morto, não carecia de alimento. A febre da resolução não lhe deixou sentir nos dois primeiros dias a fome e a sede: e foi com espanto que ele ouviu chegarem-lhe ao pé da cama os parentes velhos com quem vivia, para trazerem-lhe comida e insistirem com ele que comesse. Recusava por acenos. Perguntaram-lhe se estava doente, e se queria que viesse o doutor. Balançava a cabeça.

— Mas isso não pode continuar assim, gente — concluiu a tia, condoída.

— Sem comer não se vive: você quer então se matar mesmo, Gonçalo?

Gonçalo arregalou muito os olhos para ela, e, com um vislumbre de esperança no olhar e na voz, interrogou, dubitativo e surpreso:

— Pois eu não estou morto? — E soergueu na cama o tronco macilento, como assomado pelo surto da esperança.

Expressão do olhar, timbre da voz, o movimento do corpo, o que quer que foi, a velha deixou cair das mãos o prato, e foi recuando, recuando, espavorida, a benzer-se. Gonçalo viu-a sair: as mãos apoiadas sobre a cama agarraram a um tempo o lençol, e rápidas, convulsivas, rasgaram o pano aparelharam uma corda, presa uma ponta à verga da cabeceira e outra enlaçada ao pescoço.

Arremeteu o corpo para fora da cama: e, depois de um ronco e um estrebuchão, aquietou para sempre. Foi a prova tardia de que não estava morto: mas ainda assim não convenceu os vivos que ficaram. A lembrança de Gonçalo perdurou como a de um morto-vivo. E nisso está o interesse, se acaso o tem,

desta narrativa. Nem peripécias, nem drama, senão o sentido de que a morte é mais natural e mais real que a mesma vida.

